



O reino deste mundo





TÍTULO: *O reino deste mundo*
AUTORIA: *Alejo Carpentier*
EDITOR: *António Vilaça Pacheco*
Esta edição © 2010 Edições Saída de Emergência
Título original El reino de este mundo © Herdeiros de Alejo Carpentier. Publicado originalmente em Espanha por Alianza Editorial, S.A., 2003

TRADUÇÃO: *José Manuel Lopes*
REVISÃO: *Rosa Vilaça*
COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*
DESIGN DA CAPA: *Pedro Marques*
DESIGN DO INTERIOR: *Saída de Emergência*
IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Rolo & Filhos II, SA*
1ª EDIÇÃO: *Fevereiro, 2011*
ISBN: 978-989-637-264-4
DEPÓSITO LEGAL: 321468/11

Camões & Companhia é uma marca registada das Edições Saída de Emergência
Rua Adelino Mendes, N° 152, Quinta do Choupal, 2765-082 S. Pedro, Portugal
TEL E FAX: 214 583 770
WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

O reino deste mundo

Alejo Carpentier

Tradução de José Manuel Lopes

Prólogo

... O que se há-de entender desta coisa de se converterem em lobos, é que existe uma doença a que os médicos chamam a mania lupina...

(TRABALHOS DE PERSILES E
SEGISMUNDA)

Nos finais do ano de 1943 tive a sorte de poder visitar o reino de Henri Christophe — as ruínas, tão poéticas, de Sans-Souci; a mole, imponentemente intacta, apesar dos raios e dos terremotos, da Cidadela La Ferrière — e de conhecer a todavia normanda Cidade do Cabo — o Cabo Francês da antiga colónia — onde uma rua com grandes varandas conduz ao palácio de pedra esculpida, habitado em tempos por Paulina Bonaparte. Depois de ter sentido o verdadeiro sortilégio das terras do Haiti, de ter descoberto advertências mágicas nos caminhos vermelhos da Meseta Central, de ter ouvido os tambores do Petro e do Rada, vi-me tentado a aproximar a maravilhosa realidade recentemente vivida da esgotante pretensão de suscitar o maravilhoso, que caracterizou certas literaturas europeias dos últimos trinta anos. O maravilhoso, procurado através de velhos clichés da floresta de Brocelianda, dos cavaleiros da Távola Redonda, do mago Merlim e do ciclo arturiano... O maravilhoso, pobremente sugerido pelos ofícios e disformidades das personagens de feira... Será que os jovens poetas franceses não se cansaram dos fenómenos e dos saltimbancos da fête foraine, dos quais Rimbaud já se tinha despedido na sua Alquimia do Verbo?... O maravilhoso ob-

tido com truques de prestidigitação e que reúne objectos que quase nunca se juntam: a velha e embusteira história acerca do encontro fortuito de um chapéu-de-chuva com uma máquina de costura sobre uma mesa de dissecação, gerador das colheres forradas de arminho, dos caracóis no táxi chuvoso, da cabeça de leão na pélvis de uma viúva, das exposições surrealistas... Ou, ainda, o maravilhoso literário: o rei da Julieta de Sade, o supermacho de Jarry, o monge de Lewis, os adereços de causar calafrios da novela gótica inglesa: fantasmas, sacerdotes emparedados, licantropias, mãos pregadas à porta de um castelo...

Mas, à custa de querer suscitar sempre o maravilhoso, os taumaturgos transformaram-se em burocratas. Invocado por meio de fórmulas consabidas que fazem de certas pinturas uma monótona ninharia de relógios em ponto de fio, de manequins de costureira, de vagos monumentos fálicos, o maravilhoso transforma-se em chapéu-de-chuva, em lagosta ou em máquina de coser, o que seja, sobre uma mesa de dissecação, no interior de um quarto triste, num deserto de rochedos. Pobreza imaginativa, dizia Unamuno, é aprendermos de cor certos códigos jurídicos. E hoje existem códigos do fantástico, baseados no princípio do burro devorado por um figo, proposto pelos Cantos de Maldoror como suprema inversão da realidade, e aos quais devemos muitas «crianças ameaçadas por rouxinóis», ou os «cavalos devorando pássaros» de André Masson. Mas observe-se que quando André Masson quis desenhar a selva da Martinica, com o incrível entrelaçar das suas plantas e a obscena promiscuidade de certos frutos, a maravilhosa verdade do assunto acabou por devorar o pintor, deixando-o praticamente impotente diante do papel em branco. E teve que ser um pintor das Américas, o cubano Wifredo Lam, a mostrar-nos a magia da vegetação tropical, a desenfreada Criação de Formas da nossa natureza — com toda as suas metamorfoses e simbioses —, em quadros monu-

mentais de uma expressão única na pintura contemporânea¹. Perante a desconcertante pobreza imaginativa de um Tanguy, por exemplo, que já há vinte e cinco anos tem vindo a pintar as mesmas larvas pétreas sob o mesmo céu cinzento, dá-me vontade de repetir uma frase que orgulharia os surrealistas da primeira fornada: «Vous qui ne voyez pas, pensez à ceux qui voyent²». Existem, no entanto, muitos «adolescentes que encontram prazer ao violar os cadáveres de mulheres bonitas recém-falecidas» (Leautréamont), sem mencionar que o maravilhoso residiria no facto de as violarem vivas. Porém, muitos se esquecem, com disfarces de magos de pouca monta, que o maravilhoso o começa a ser, de modo inequívoco, sempre que surge de uma inesperada alteração da realidade (o milagre), de uma revelação privilegiada da realidade, de uma iluminação pouco habitual ou singularmente favorecedora das inadvertidas riquezas da realidade, de uma ampliação das escalas e das categorias da realidade, percebidas com particular intensidade em virtude de uma exaltação do espírito, capaz de nos conduzir a um «estado limite». Para começar, a sensação do maravilhoso pressupõe uma fé. Os que não acreditam em santos não se poderão curar com milagres de santos, nem os que não são Quixotes se podem meter de corpo, alma e bens, no mundo do Amadis de Gaula ou do Tirante o Branco. Prodigiosamente fidedignas resultam as frases de Rutilio em Os trabalhos de Persiles e Segismunda, acerca dos homens transformados em lobos, pois no tempo de Cervantes acreditava-se em pessoas atacadas pela mania lupina, o mesmo se aplicaria à viagem da personagem, desde

1 Observe-se com quanto prestígio americano sobressaem, na sua onda de originalidade, as obras de Wilfredo Lam sobre as de outros pintores reunidos no número especial (panorâmico da plástica moderna) publicado em 1946 pelos Cahiers d'Art. (Nota do autor).

2 «Vocês que não vêem, pensem nos que o podem fazer».

a Toscana à Noruega sobre o manto de uma bruxa. Marco Polo admitia que certas aves voavam levando elefantes nas garras, e Lutero viu de frente o demónio a cuja cabeça atirou um tinteiro. Victor Hugo, tão explorado pelos possuidores de livros do maravilhoso, acreditava em aparições, pois estava seguro de ter falado em Guernesey com o fantasma de Leopoldina. Para Van Gog bastava-lhe ter fé no Girassol, para fixar a sua revelação numa tela. Daí que o maravilhoso invocado na descrença — como fizeram os surrealistas durante tantos anos — nunca tivesse passado de uma artimanha literária bastante aborrecida, ao prolongar-se, como certa literatura onírica «regrada» e certos elogios da loucura, dos quais já começamos a estar fartos. Mas não será por isto que se irá dar logo razão a determinados partidários de um regresso ao real — termo que adquire, então, um significado gregariamente político —, que não fazem mais do que substituir os truques do prestidigitador pelos lugares comuns do literato «comprometido» ou pelo escatológico deleite de certos existencialistas. Contudo, ninguém duvida que existe uma fraca defesa para poetas e artistas que louvam o sadismo sem o praticarem, admiram o supermacho por uma questão de impotência, invocam espectros sem acreditar que estes lhes poderão responder, e fundam sociedades secretas, seitas literárias, grupos vagamente filosóficos, com santos, senhas e arcanos fins — nunca alcançados — sem serem capazes de conceber uma mística válida, nem de abandonar os mais mesquinhos hábitos com que atiram à alma a temível cartilha de uma fé.

Tudo isto se me tornou particularmente evidente durante a minha permanência no Haiti, logo que me vi em contacto quotidiano com algo a que poderíamos chamar o real maravilhoso. Pisava eu afinal uma terra em que milhares de homens ansiosos pela liberdade acreditaram nos poderes licantrópicos de Mackandal, ao ponto de que essa fé colectiva pudesse produzir um milagre no dia da sua execução.

Já conhecia a história prodigiosa de Bouckman, o iniciado jamaicano. Tinha estado na Cidadela La Ferrière, obra sem antecedentes arquitectónicos, unicamente anunciada pelas Prisões Imaginárias de Piranesi. Respirara a atmosfera criada por Henry Christophe, monarca de incríveis empenhos, muito mais surpreendente do que todos os reis cruéis inventados pelos surrealistas, muito afectos a tiranias imaginárias que nunca tiveram que as sofrer na pele. A cada passo encontrava o real maravilhoso. Mas pensava também que essa presença e vigência do real maravilhoso não era privilégio único do Haiti, mas património de toda a América, onde apesar de tudo ainda não se parou de estabelecer, por exemplo, um inventário de cosmogonias. O real maravilhoso encontra-se a cada passo nas vidas dos homens que inscreveram datas na história do Continente e deixaram apelidos que ainda se mantêm: desde os que procuravam a Fonte da Eterna Juventude e a áurea cidade de Manoa, até certos rebeldes da primeira hora ou certos heróis modernos das nossas guerras de independência, de tão mitológico desenho, como a coronela Joana de Azurduy. Sempre me pareceu significativo o facto de que, em 1780, uns cordatos espanhóis saídos de Angostura, se tivessem lançado na busca do El Dorado, e que nos dias da Revolução Francesa — viva a Razão e o Ser Supremo! — o compostelano Francisco Menéndez se embrenhasse por terras da Patagónia na demanda da Cidade Encantada dos Césares. Focando outro aspecto desta questão, veríamos que, tal como na Europa ocidental as danças folclóricas, por exemplo, perderam todo o seu carácter mágico e invocatório, rara é a dança colectiva, nas Américas, que não encerre um profundo sentido ritual, criando-se em torno dela todo um processo de iniciação: assim são os bailes da santeria cubana, ou a prodigiosa versão negróide da festa do Corpo de Cristo, tal como a esta se pode assistir na aldeia de São Francisco de Yare, na Venezuela.

Há um momento, no sexto canto de Maldoror, em que o herói, perseguido por todas as Polícias do mundo, escapa a «um exército de agentes e espões» adoptando o aspecto de diversos animais e recorrendo ao seu dom de se transportar instantaneamente para Pequim, Madrid, ou São Petersburgo. Esta é «literatura maravilhosa» no seu melhor. Mas nas Américas, onde nada se escreveu de semelhante, existiu um Mackandal dotado dos mesmos poderes pela fé dos seus contemporâneos, e que tentou, com essa magia, uma das subleções mais dramáticas e estranhas da História. Maldoror — confessa-o o próprio Ducasse — não passava de «um poético Rocambole». Dele apenas nos ficou uma escola literária de vida efémera. De Mackandal, o americano, por outro lado, ficou-nos toda uma mitologia, acompanhada de hinos mágicos, conservados por um povo inteiro, e que ainda se cantam nas cerimónias do Vudu³. (Existe, por outro lado, uma rara casualidade no facto de que Isidore Ducasse, homem que teve um instinto excepcional do fantástico-poético, tivesse nascido nas Américas e se gabasse tão enfaticamente, no final de um dos seus cantos, de ser de Montevideu.) E talvez seja devido à virgindade das paisagens, à formação, à ontologia, á presença fáustica do índio e do negro, à Revolução que constitui o seu recente descobrimento e às fecundas mestiçagens que proporcionaram, que as Américas estejam ainda muito longe de ter esgotado o seu caudal de mitologias.

Sem que mo propusesse de um modo sistemático, o texto que se segue respondeu a este tipo de preocupações. Nele se narra toda uma sucessão de feitos extraordinários, ocorridos na Ilha de Santo Domingo, numa determinada época que não poderá ser abarcada por uma única vida humana, permitindo que o maravilhoso flua livremente de uma realidade

³ Veja-se Jacques Roumain, *Le sacrifice du Tamboiur Assoto(r)*. (Nota do Autor)

estritamente continuada em todos os seus detalhes. Porque será mister advertir que o relato que se irá ler se estabeleceu a partir de uma documentação extremamente rigorosa que não só respeita a verdade histórica dos acontecimentos, os nomes das personagens — inclusivamente das secundárias —, de lugares e até de ruas, como também oculta sob a sua aparente intemporalidade, um minucioso cotejar de datas e de cronologias. E no entanto, dada a dramática singularidade dos acontecimentos, o fantástico garbo das personagens que se encontraram, em determinado momento, na encruzilhada mágica da Cidade do Cabo, tudo resulta maravilhoso, numa história impossível de se situar na Europa e que, no entanto, é tão real, como qualquer sucesso exemplar dos consignados, para pedagógica instrução, nos manuais escolares. Mas que será toda a história da América senão uma crónica do real-maravilhoso?

O reino deste Mundo

I

DEMÓNIO: Licença para entrar vos peço...

PREVIDÊNCIA: Quem é?

DEMÓNIO: O rei do Ocidente.

PREVIDÊNCIA: Já sei quem és, maldito. Entra
(*Entra agora*)

DEMÓNIO: Ó tribunal bendito,
Providência eternamente!

Para onde envias tu Colombo
para renovar os meus danos?
Não sabes que há muitos anos
Sou dono desses lugares?

LOPE DE VEGA

1. As Cabeças de Cera

Entre os vinte garanhões trazidos para o Cabo Francês pelo capitão de um barco que andava conluiado com um criador normando, Ti Noel tinha elegido sem vacilar aquele macho castanho, de patas brancas e de garupa encurvada, bom para cobrir as éguas que pariam potros cada vez mais pequenos. *Monsieur* Lenormand de Mézy, conhecedor da perícia do escravo em matéria de cavalos, sem reconsiderar a sua decisão, tinha já pago por ele em sonantes luíses de ouro. Depois de lhe ter feito um arnês com cordas de esparto, Ti Noel gozava toda a folgança do sólido animal mosqueado, sentindo correr sob as suas cochas um suor pegajoso que logo se transformava em espuma ácida sobre a espessa pelagem desse equídeo de raça francesa. Seguindo o amo, que montava um alazão de patas mais ligeiras, atravessara o bairro dos que viviam do mar, com os seus armazéns a cheirar a salmoura, a suas lonas tensas de humidade, os seus biscoitos que tinham que ser partidos a murro, antes de desembocar na Rua Direita, ensolarada a essa hora matinal com os lenços aos quadrados de cores vivas das negras domésticas que voltavam do mercado. Do coche do governador, cheio de talha dourada em mau estado, partiu um largo gesto de saudação para *monsieur* Lenormand de Mézy. De imediato,

colono e escravo amarraram as suas cavalgaduras em frente da loja do barbeiro, que recebia *A Gazeta de Leida*, para refrigerio dos paroquianos cultos.

Enquanto o amo estava a ser barbeado, Ti Noel pôde observar com calma as quatro cabeças de cera que adornavam o armário com prateleiras da entrada. Os riços das cabeleiras enquadravam semblantes imóveis, antes de se abrirem numa lentidão de caracóis sobre um pano encarnado. Aquelas cabeças pareciam tão reais, ainda que tão mortas pela fixidez do olhar, como a cabeça falante que um charlatão de passagem trouxera até ao Cabo, há já vários anos, para o ajudar a vender um elixir contra as dores de dentes e o reumatismo. Por uma graciosa casualidade, a loja de tripas contígua exibia cabeças de vitelos, tristíssimas, com um fino caule de salsa na língua, que tinham a mesma qualidade cerosa como se estivessem adormecidas entre caudas escarlates, pezinhos em gelatina e tachos de barro cheios de tripas guisadas à moda de Caen. Apenas um tabique de madeira separava ambas as montras, e Ti Noel divertia-se a pensar que, ao lado das cabeças descoloridas dos vitelos se serviriam cabeças de senhores brancos sobre a toalha dessa mesma mesa. Tal como se adornavam as aves cozinhadas com as suas penas, para serem apresentadas aos comensais de um banquete, um cozinheiro esperto, um verdadeiro ogre, vestira essas cabeças com as suas melhores e acondicionadas perucas. Não lhes faltava mais senão uma orla de folhas de alface ou de rabanetes cortados em forma de flor-de-lis. Quanto ao resto, os grandes boiões de goma-arábica, as garrafas de água de lavanda e as caixas de pó-de-arroz, vizinhas das caçoilas de tripas e das bandejas repletas de rins, completavam, com singulares coincidências de vasos e recipientes, aquele quadro de um abominável festim.

Havia uma grande abundância de cabeças nessa manhã, já que, ao lado da loja de tripas, o livreiro tinha pendu-

rado de um arame, com molas de roupa, as últimas gravuras recebidas de Paris. Em quatro delas, pelo menos, surgia com ostentação o rosto do rei de França, num enquadramento de sóis, espadas e louros. Mas havia outras cabeças com cabeceiras que pertenciam talvez aos altos funcionários da corte. Os guerreiros identificavam-se através dos seus gestos de partir ao assalto. Os magistrados pelos cenhos de meter medo. Os espirituosos, porque sorriam por cima de duas plumas cruzadas no alto de versos que nada diziam ao Ti Noel, pois os escravos não conheciam as letras. Também havia gravuras a cores, de uma feitura mais ligeira, em que se viam os fogos de artifício com que se festejara a tomada de uma cidade, bailados com médicos armados de grandes seringas, um jogo à cabra cega num parque, jovens libertinos enterrando as mãos em decotes de camareiras, ou a inevitável astúcia do amante deitado na relva, que descobre, enlevado, certas perspectivas de uma dama a andar inocentemente num baloiço. Mas Ti Noel foi atraído nesse momento por uma gravura em cobre, última de uma série, que se diferenciava das outras pelo assunto e pela sua execução. Representava alguém como um almirante ou um embaixador francês, recebido por um negro rodeado de abanos de plumas e sentado sobre um trono enfeitado com figuras de macacos e de lagartos.

— Que gente é esta? — perguntou atrevidamente ao livreiro, que acendia um enorme cachimbo de barro à porta da sua loja.

— Esse é o rei do teu país.

Não teria sido necessária a confirmação do que já pensava, porque o jovem escravo tinha-se lembrado logo dos relatos que Mackandal salmodiava no engenho de açúcar, nas horas em que o cavalo mais velho de fazenda de Lenormand de Mézy fazia girar os cilindros. Com uma voz fingidamente cansada, para dar mais ênfase a certos remates, o

mandinga costumava referir feitos que tinham ocorrido nos grandes reinos de Popo, de Arada, dos nagós e dos fulas. Falava de vastas migrações de povos, de guerras seculares, de prodigiosas batalhas em que os animais tinham ajudado os homens. Conhecia a história de Adonhueso, do rei de Angola, do rei Dá, encarnação da Serpente, que é o eterno princípio que nunca acaba, e que folgava misticamente com uma rainha que era o Arco-Íris, senhora da água e de todos os partos. Mas, sobretudo, tornava-se mais prolixo com a gesta de Kankan Musa, o feroz Musa, fundador do invencível império dos mandingas, cujos cavalos se enfeitavam com moedas de prata e xairéis bordados, e relinchavam mais alto do que o fragor das armas, levando o trovão nas peles dos tambores pendurados de uma cruz. Aqueles reis, para além do mais, investiam com a lança à frente da suas hordas, tornados invulneráveis pela ciência dos Preparadores, e só caíam feridos se, de algum modo, tivessem ofendido as divindades do Raio ou as divindades da Forja. Reis eram, reis de verdade, e não esses soberanos cobertos de cabelo alheio, que jogavam bilhares e só sabiam fazer de deuses nos cenários dos seus teatros da corte, exibindo a perna amarrada ao compasso de um rigodão. Para além disso, esses soberanos brancos ouviam mais as sinfonias dos seus violinos e as choraminguice das petições, os mexericos das suas queridas e o canto dos seus pássaros de corda do que o troar de canhões disparando sobre o esporão de uma meia-lua. Ainda que as suas luzes fossem poucas, Ti Noel fora instruído nessas verdades pelo profundo saber de Mackandal. Em África, o rei era um guerreiro, um caçador, um juiz, um sacerdote; a sua semente preciosa aumentava, em centenas de ventres, uma vigorosa estirpe de heróis. Pelo contrário, em França ou em Espanha, o rei enviava os seus generais para combater; era incompetente para resolver litígios, deixava que qualquer frade confes-

— | | —

sor lhe ralhasse, e, quanto a golpes de rins, não engendrava mais do que um príncipe enfezado, incapaz de acabar com a vida de um veado sem a ajuda dos seus monteiros, e a que designavam, com inconsciente ironia pelo nome de um peixe tão inofensivo e frívolo com era o golfinho, ou seja, por delfim. Lá longe, no entanto, nesse *Grande Além*, havia príncipes rijos como o junco, e príncipes que eram o leopardo, e príncipes que conheciam a linguagem das árvores, e príncipes que tinham autoridade sobre os quatro pontos cardeais, donos da nuvem, da semente, do bronze e do fogo.

Ti Noel ouviu a voz do amo que saía da barbearia com as faces cheias de pó. A sua cara parecia-se agora, surpreendentemente, aos quatro rostos de cera mole que se alinhavam na prateleira, sorrindo de um modo estúpido. Não demorou muito até *monsieur* Lenormand de Mézy ter comprado uma cabeça de vitelo na loja de tripas, entregando-a ao escravo. Montado nesse garanhão já ansioso por pastar, Ti Noel apalpava aquele crânio branco e frio pensando que o mesmo deveria proporcionar, ao tacto, um toque parecido ao da calva que o amo ocultava por baixo da sua peruca. Entretanto, a rua enchera-se de gente. Às negras que regressavam do mercado seguiam-se as senhoras que saíam da missa das dez. Mais do que uma mestiça, barregã de algum funcionário rico, se fazia seguir por uma aia de tez tão escura como a dela, que levava um leque de folhas de palmeira, o breviário e um guarda-sol com borlas douradas. Numa esquina, bailavam as marionetas de um actor ambulante. Mais adiante, um marinheiro oferecia às damas um macaquinho do Brasil, vestido à espanhola. Nas tabernas, desarrolhavam-se garrafas de vinho, refrescadas em tinas cheias de sal e de areia molhada. O padre Cornejo, cura de Limonade, acabava de chegar à Igreja Paroquial, montado na sua mula parda.

Monsieur Lenormand de Mézy e o seu escravo saíram da cidade pelo caminho que seguia a orla marítima. Soaram tiros de canhão no alto da fortaleza. *La Courageuse*, da armada do rei, acabava de aparecer no horizonte, de regresso da Ilha de Tortuga. Via-se o fumo das salvas a elevar-se sobre as amuradas. Assaltado pelas recordações do seu tempo de oficial pobre, o amo começou a assobiar uma marcha de pífaros. Ti Noel, em contraponto mental, cantarolou para si mesmo uma copla de marinheiros, muito cantada pelos tanoeiros do porto, na qual diziam atirar com merda ao rei de Inglaterra. Dessa palavra sim, estava seguro, ainda que a letra não fosse em crioulo. Mas apesar de tudo sabia-a; para além disso o rei de Inglaterra era para ele tão pouca coisa como o de França ou o de Espanha, que mandava no outro lado da ilha e cujas mulheres — segundo Mackandal informava — avermelhavam as faces com sangue de boi e enterravam fetos de crianças num convento cujas caves estavam cheias de esqueletos desprezados pelo céu de verdade, e onde não se queriam mortos que ignorassem os deuses verdadeiros.

2. A Poda

Ti Noel tinha-se sentado sobre uma gamela voltada ao contrário, deixando que o cavalo velho fizesse girar o pequeno engenho de açúcar a um ritmo que o hábito tornara absolutamente regular. Mackandal agarrava as canas aos molhos, metendo-lhes as pontas, aos empurrões, entre os cilindros de ferro. Com os olhos sempre injectados, o torço forte e a sua delgadíssima cintura, o mandinga exercia uma estranha fascinação sobre Ti Noel. Dizia-se que a sua voz grave e macia conseguia tudo o que queria das negras. E as suas artes de narrador, caracterizando as personagens com trejeitos terríveis, impunham o silêncio aos homens, sobretudo quando ele evocava a viagem que fizera, anos atrás, como cativo, antes de ser vendido aos negreiros da Serra Leoa. O rapaz compreendia, ao ouvi-lo, que o Cabo Francês, com os seus campanários, os edifícios de pedra trabalhada, as suas casas normandas guarnecidas de enormes varandas cobertas, era bem pouca coisa em comparação com as cidades da Guiné. Lá, havia cúpulas de barro encarnado que se apoiavam sobre grandes muralhas recortadas de ameias; mercados que eram famosos bem mais para além dos limites dos desertos, até bem mais para lá dos povos sem terra. Nessas cidades os artesãos eram dextros no trabalho dos metais, forjando es-

padas que mordiam como navalhas, sem pesarem mais do que uma asa na mão do combatente. Rios caudalosos, nascidos do gelo, lambiam os pés do homem, e não era problema trazer o sal do País do Sal. Em casas muito grandes guardava-se o trigo, o sésamo, o milho, e organizavam-se, de reino em reino, certos intercâmbios capazes de fornecer o azeite e o vinho de Andaluzia. Sob mantos de folhas de palmeira dormiam tambores gigantescos, os Tambores-Mãe que tinham pés pintados de encarnado e rostos humanos. As chuvas obedeciam à conjuração dos sábios, e, nas festas da circuncisão, quando as adolescentes bailavam com as coxas lacadas de sangue, batia-se em lajes sonoras que produziam uma música semelhante a grandes cascatas morigeradas. Na urbe sagrada de Widah prestava-se adoração à Cobra, mística representação da roda eterna, assim como a deuses que regiam o mundo vegetal e que costumavam aparecer, malhados e reluzentes entre os juncais, e que ensurdeciam de ruídos as margens de lagos salobros.

O cavalo, extenuado, caiu sobre os joelhos. Ouviu-se um uivo tão desgarrado e longo que voou sobre as fazendas vizinhas, alvoroçando os pombais. Agarrada pelos cilindros que tinham girado de súbito com uma inesperada rapidez, a mão esquerda de Mackandal tinha ido com as canas, arrastando-lhe o braço até ao ombro. Na caldeira de cobre da garapa, alastrava um olho de sangue. Pegando numa faca, Ti Noel cortou as correias que prendiam o cavalo à vara do engenho. Os escravos da tanoaria invadiram esse lugar, correndo atrás do amo. Também chegavam os trabalhadores encarregados das comidas fumadas e do secadouro de cacau. Agora, Mackandal, puxava pelo braço triturado, fazendo girar os cilindros em sentido contrário. Com a sua mão direita tentava remover um cotovelo, um pulso, que tinham deixado de lhe obedecer. Um pouco tonto a olhar para tudo aquilo, parecia não perceber o que se tinha passado. Come-

çaram a colocar-lhe um torniquete feito de cordas na axila, para conter a hemorragia. O amo pediu que lhe trouxessem uma boa pedra de amolar, para afiar bem a faca de mato que se utilizaria na amputação.

3. O Que a Mão Ia Achando

Inútil para os trabalhos mais importantes, Mackandal foi destinado a guardar o gado. Tirava o rebanho de vacas dos estábulos antes do nascer do dia, levando-o para a montanha em cujas vertentes de sombra crescia um pasto espesso, onde o orvalho se mantinha quase até meio da manhã. Observando a lenta dispersão dos animais que pastavam com os trevos quase até às ilhargas, surgira-lhe um raro interesse pela existência de certas plantas sempre desdenhadas. Recostado à sombra de uma alfarrobeira, apoiando-se no cotovelo do seu braço saudável, ia remexendo, com a sua única mão, as ervas conhecidas em busca de todas as criaturas da terra, de cuja existência ele pudesse ter desenhado até então. Descobria, com surpresa, a vida secreta de espécies singulares afectas ao disfarce, à confusão, à camuflagem, e as amigas da pequena gente couraçada que evitava os caminhos das formigas. Essa mão trazia-lhe alpistas sem nome, alcaparras de enxofre, pimentos minúsculos, cipós que teciam redes em torno das pedras; matas solitárias de folhas peludas, que suavam de noite; sensitivas que se dobravam ao mero som da voz humana; cápsulas que estalavam ao meio-dia, com um ruído de unhas esmagando pulgas; lianas rasteiras que se enredavam, longe do sol, em emaranhados cobertos de

baba. Havia uma trepadeira que provocava ardores na pele e outra que fazia inchar a cabeça de quem descansasse na sua sombra. Mas agora Mackandal interessava-se ainda mais pelos cogumelos. Cogumelos que cheiravam a curcuma, a redoma, a cave, a doença, onde cresciam orelhas, línguas de vaca, carnosidades rugosas; que escorriam exsudações e abriam os seus guarda-sóis, semelhantes a pele de tigre, em espaços ociosos e frios, residências de sapos que olhavam e dormiam sem pestanejar. O mandinga desfazia a polpa de um cogumelo entre os dedos, levando até ao nariz um sabor a veneno. Depois, deixava que uma vaca lhe cheirasse a mão. Quando o animal afastava a cabeça com os olhos assustados, respirando fundo, Mackandal ia buscar mais cogumelos da mesma espécie, guardando-os numa bolsa de couro cru que levava pendurada ao pescoço.

Com o pretexto de dar banho aos cavalos, Ti Noel costumava afastar-se da fazenda de Lenormand de Mézy durante largas horas, para se reunir com o maneta. Ambos se encaminhavam então para os limites do vale, até onde a terra se tornava fragosa e a falda dos montes era minada de grutas profundas. Detinham-se em casa de uma idosa que vivia sozinha, ainda que recebesse visitas de pessoas vindas de muito longe. Vários sabres se penduravam nas paredes, entre bandeiras encarnadas, de mastros pesados, ferraduras, meteoritos e laços de arame que amarravam colheres bolorentas, postas em cruz, para afugentar o barão Samedi, o barão Piquant, o barão La Croix e outros amos de cemitérios. Mackandal mostrava à Mamã Loi as folhas, as ervas, os cogumelos, as coisas simples que trazia na bolsa. Ela examinava-os cuidadosamente, apertando e cheirando uns, deitando fora outros. Por vezes, falava-se de animais egrégios que tinham tido descendência humana. E também de homens que certas ladainhas dotavam de poderes licantrópicos. Sabia-se de mulheres violadas por grandes fe-

linos, que tinham trocado, de noite, a palavra pelo rugido. Certa vez, a Mamã Loi emudeceu de um modo estranho logo que se começava a aproximar da parte melhor de um relato. Respondendo a um apelo misterioso, correu para a cozinha, enterrando os braços num tacho de óleo a ferver. Ti Noel observou que o seu rosto reflectia uma pura indiferença, e, o que era mais estranho, que os seus braços, ao serem retirados do óleo, não tinham bolhas nem marcas de queimaduras, apesar do horrível ruído de fritura que se escutara momentos antes. Como Mackandal parecia aceitar esse facto com a calma mais absoluta, Ti Noel esforçou-se para ocultar o seu assombro. E a conversa continuou placidamente, entre o mandinga e a bruxa, com grandes pausas para olharem para longe.

Um dia agarraram numa cadela que estava com o cio e que pertencia às matilhas de Lenormand de Mézy. Enquanto Ti Noel escarranchado sobre ela, lhe segurava a cabeça pelas orelhas, Mackandal esfregou-lhe o focinho com uma pedra que o sumo de cogumelo tingira de amarelo claro. A cadela contraiu os músculos. O corpo sacudiu-se-lhe, em seguida, em violentas convulsões, caiu sobre o lombo, com as patas esticadas e os dentes de fora. Naquela tarde, ao regressar à fazenda, Mackandal deteve-se durante muito tempo a contemplar os pequenos engenhos de açúcar, os secadouros de cacau e de café, a oficina de tinturaria, as forjas, as cisternas e a divisão onde se secavam certos alimentos.

— Chegou o momento — disse.

No dia seguinte, chamaram-no em vão. O amo organizou uma batida, para mera instrução dos escravos, ainda que sem se dar a demasiado trabalho. Pouco valia um escravo com um braço a menos. Para além disso, qualquer mandinga — sabia-se bem — ocultava um fugitivo em potência. Dizer mandinga era dizer desordeiro, revoltoso, demónio. Por isso os desse reino se vendiam tão mal nos mercados

de negros. Todos sonhavam com a evasão, em fugir para o monte. Para além disso, com um número tão grande de propriedades que confinavam umas com as outras, esse maneta não chegaria muito longe. Logo que fosse trazido para a fazenda, seria supliciado diante do restante pessoal, como escarmento. Mas um maneta não era senão um maneta. Seria uma loucura correr o risco de perder dois mastins bem arraçados, caso Mackandal os pretendesse silenciar com uma faca de mato.

4. O Inventário

Ti Noel estava profundamente entristecido com o desaparecimento de Mackandal. Se lhe tivesse sido proposto acompanhá-lo nessa fuga, teria aceitado com júbilo a missão de servir esse mandinga. Agora pensava que o maneta o considerara demasiado insignificante para o tornar participante nos seus projectos. Nas grandes noites, quando esse rapaz era atormentado por esta ideia, levantava-se de uma manjedoura onde dormia e abraçava-se ao pescoço do cavalo normando, enterrando o rosto nas suas crinas claras, que cheiravam a cavalo lavado. A partida de Mackandal era também a partida de todo o mundo evocado pelos seus relatos. Com ele também se tinha ido embora Kankan Musa, Adonhueso, os reis reais e o Arco-Íris de Widah. Perdido o sal da vida, Ti Noel aborrecia-se nas cerimónias dominicais, vivendo com os seus animais, cujas orelhas e perineos ele tinha sempre limpos de carrapatos. Assim transcorreu toda a estação das chuvas.

Um dia, em que os rios tinham já regressado ao seu leito normal, Ti Noel encontrou-se com a velha da montanha, nas imediações das camaratas. Esta trazia-lhe um recado de Mackandal. Por ele, assim que nasceu o dia, o rapaz penetrou numa caverna de entrada estreita, cheia de

estalagmites, que descia até um espaço mais fundo, atape-
tado de morcegos pendurados pelas patas. O solo estava
coberto de uma espessa camada de guano que apresenta-
va objectos líticos e espinhas de peixe petrificadas. Ti Noel
observou que várias vasilhas de barro ocupavam o centro,
e que, devido a elas, reinava, naquela húmida penumbra,
um cheiro acre e pesado. Sobre folhas para coagular leite
quando se faz queijo, amontoavam-se peles de lagarto. Uma
laje grande e várias pedras redondas e lisas tinham sido uti-
lizadas, sem dúvida, em recentes trabalhos de maceração.
Sobre um tronco, aplainado longitudinalmente com uma
faca de mato, encontra-se um livro de contabilidade, rou-
bado ao caixeiro da fazenda, em cujas páginas se alinhavam
grossos sinais traçados a carvão. Ti Noel acabou por pensar
nas lojas dos ervanários do Cabo, com os seus grandes al-
mofarizes, receituários em estantes, potes de noz-vômica e
de assa-fétida e os seus molhos de raízes de malvaíscos para
curar as gengivas. Só faltavam alguns escorpiões em álcool,
as rosas em óleo e o viveiro das sanguessugas.

Mackandal tinha emagrecido. Os seus músculos mo-
viam-se agora mesmo por cima da ossatura, esculpindo-lhe
o torço com potentes relevos. Mas o seu rosto, que mos-
trava reflexos oliváceos à luz da candeia, expressava uma
tranquila alegria. Tinha um lenço escarlata atado na testa,
enfeitado com fiadas de contas. O que mais assombrou Ti
Noel foi a revelação de um largo e paciente trabalho realiza-
do pelo mandinga desde a sua noite de fuga. Parecia que ele
tinha percorrido as fazendas da planície, uma a uma, con-
tactando directamente com as pessoas que aí trabalhavam.
Sabia por exemplo que na tinturaria de Dondon poderia
contar com Olain, o hortelão; com Romaine, a cozinheira
dos barracões; com o zarolho Jean-Pierrot; quanto à fazen-
da de Lenormand de Mézy, enviara recados aos três irmãos
Pongué; aos novos congolezes; ao fula das pernas tortas e a

Marinette, a mulata que tinha dormido, noutros tempos, na cama do amo, antes de ser reenviada para as lixívias devido à chegada de *mademoiselle* da Martinière, casada por procuração num convento do Havre, antes de embarcar para a colónia. Também se pusera em contacto com os dois angolanos que viviam mais para lá do Bonnet-de-l'Éveque, cujas nádegas zebradas conservam as marcas dos ferros em brasa, aplicados como castigo por um roubo de aguardente. Com caracteres que apenas ele seria capaz de decifrar, Mackandal tinha consignado no seu registo o nome do Bocor de Millot, e até dos condutores de récuas, úteis para cruzar a cordilheira e para estabelecer contactos com a população do Artibonite.

Ti Noel ficou a saber nesse dia o que o maneta esperava dele. Naquele mesmo domingo, quando voltava da missa, o amo soube que as duas melhores vacas leiteiras da fazenda — as de cauda branca trazidas de Ruão — estavam a agonizar sobre as suas bostas, soltando o fel pelos beiços. Ti Noel explicou-lhe que os animais que vinham de países longínquos costumavam enganar-se em relação ao pasto que comiam, abocanhando por vezes, como saborosas fibras vegetais, certos rebentos que lhes envenenavam o sangue.